

# A HUMILDADE COMO PRINCÍPIO DO APRENDIZADO SEGUNDO HUGO DE SÃO VITOR

Saulo Fernandes Brito

Doutorando em História da Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília.  
Mestre em História da Filosofia e graduado em Licenciatura de Filosofia pela Universidade de Brasília.

E-mail: saulo.brito7@gmail.com

**Resumo:** A humildade, de acordo com Hugo de São Vitor, deve ser entendida em dois sentidos complementares: o primeiro sentido é o cosmológico; e o segundo abarca o nível moral. A partir dessas distinções notaremos que, em sua base, a educação exige a formação preliminar da humildade, sem esta “raiz de todas as virtudes” – como o mestre Vitorino a nomeia – não será possível formar o homem de um modo integral; a natureza da humildade se confunde com a apreensão da realidade, pois se trata da condição *sine qua non* da vida contemplativa. Somente quem acerta o foco interior poderá olhar com sobriedade para o seu fim. A humildade é a contemplação em embrião.

**Palavras-chave:** Educação. Humildade. Aprendizado. Virtudes. Sabedoria.

**Abstract:** Humility, according to Hugo of Saint Vitor, must be understood in two complementary senses: the first sense is cosmological; and the second covers the moral level. From these distinctions we will notice that, at its base, education requires the preliminary formation of humility, without this “root of all virtues” – as master Vitorino names it – it will not be possible to form man in an integral way; the nature of humility is confused with the apprehension of reality, as it is a *sine qua non* of the contemplative life. Only those who get their inner focus right will be able to look soberly at their end. Humility is contemplation in embryo.

**Keywords:** Education. Humility. Apprenticeship. Virtues. Wisdom.

**Resumen:** La humildad, según Hugo de San Victor, debe entenderse en dos sentidos complementarios: el primer sentido es cosmológico; y el segundo abarca el plano moral. A partir de estas distinciones, nos daremos cuenta de que, en su base, la educación requiere la formación previa de la humildad; sin esta “raiz de todas las virtudes” – como la llama el maestro Victorino – no será posible formar al hombre de manera integral; la naturaleza de la humildad

se confunde con la aprehensión de la realidad, porque es la condición *sine qua non* de la vida contemplativa. Sólo quien ajusta correctamente la mirada interior será capaz de mirar con sobriedad su propio fin. La humildad es contemplación en forma embrionaria.

**Palabras clave:** Educación. Humildad. Aprendizaje. Virtudes. Sabiduría.

**Sommario:** Secondo Hugo de San Vitor, l’umiltà va intesa in due sensi complementari: il primo senso è cosmologico, il secondo riguarda il livello morale. Da queste queste distinzioni, possiamo vedere che, alla base, l’educazione richiede la formazione preliminare dell’umiltà. Senza questa “radice di tutte le virtù” – come la chiama il Maestro Vitorino – non sarà possibile formare l’uomo in modo integrale. La comprensione della realtà, perché è la *conditio sine qua non* della vita contemplativa. Soltanto chi aggiusta correttamente il proprio sguardo interiore sarà in grado di guardare sobriamente la propria fine. L’umiltà è contemplazione in germe.

**Parole chiave:** Educazione. Umiltà. Apprendimento. Virtù. Saggezza.

**Résumé:** L’humilité, selon Hugo de Saint Victor, doit être comprise dans deux sens complémentaires: le premier sens est cosmologique; et le second couvre le niveau moral. De ces distinctions, nous remarquerons que, à sa base, l’éducation requiert la formation préalable de l’humilité, sans cette «racine de toutes les vertus» – comme la nomme maître Vitorino – il ne sera pas possible de former l’homme de manière intégrale; la nature de l’humilité se confond avec l’appréhension de la réalité, car elle est une condition *sine qua non* de la vie contemplative. Seuls ceux qui sont bien centrés sur leur intérieur seront capables de regarder sobrement leur fin. L’humilité est une contemplation en embryon.

**Mots-clés:** Éducation. Humilité. Apprentissage. Vertus. Sagesse.

## INTRODUÇÃO

A obra pedagógica<sup>1</sup> de Hugo de São Vitor gira em torno das questões relativas à educação do aluno. Importa, sobretudo, ensinar ao educando como se deve aprender, a fim de que, em posse dessas qualidades, possa observar o crescimento próprio no processo educacional. É de extrema importância compreender essa questão, pois, para o mestre Vitorino, o processo educacional tem como centro o aluno; o professor serve de auxílio, como um mestre, que, tendo trilhado o caminho, se dispõe a iluminar a estrada para que o discípulo possa também percorrê-lo.

No artigo que o leitor tem em mãos, nos propusemos a evidenciar a base do processo educacional: a humildade. Contudo, para que se esclareça a necessidade desta “raiz de todas as virtudes”<sup>2</sup>, é preciso tornar claro o fim último da educação que consiste – sinteticamente – na contemplação da Sabedoria; a contemplação é o fim do processo educacional – não é de nossa pretensão evidenciar-lo neste trabalho; desejamos fazê-lo em outra oportunidade.

Ao definirmos a humildade, podemos notar que ela é a contemplação em embrião. Contemplação aqui deve ser entendida como a capacidade de abarcar a realidade de modo consciente:

*A contemplação é uma visão livre e perspicaz da alma de coisas amplamente esparsas. Entre a meditação e a contemplação o que parece ser relevante é que a meditação é sempre das coisas ocultas à nossa inteligência; a contemplação, porém é de coisas que segundo a sua natureza ou segundo a nossa capacidade são manifestas; e que a meditação sempre se ocupa em buscar alguma coisa única, enquanto que a contemplação se estende à compreensão de muitas ou também de todas as coisas. A meditação é, portanto, um certo vagar curioso*

<sup>1</sup> Dentre as obras de Hugo de São Vitor encontramos uma divisão em quatro grupos de textos: os exegeticos, os ascéticos, os dogmáticos e os pedagógicos. No presente trabalho analisaremos elementos que compõe este último.

<sup>2</sup> Insistimos nessa proposição, pois Hugo de São Vitor não nos deixa claro se a humildade deve ser entendida como a raiz de todas as virtudes, ou se se trata de uma virtude em seu mais amplo sentido.

*da mente, um investigar sagaz do obscuro, um desatar do que é intrincado. A contemplação é aquela vivacidade da inteligência que, possuindo todas as coisas, as abarca em uma visão plenamente manifesta, e isto de tal maneira que aquilo que a meditação busca, a contemplação possui<sup>3</sup> (HUGO DE SÃO VITOR, 2019a, p. 75).*

Assim a contemplação pode ser entendida como aquilo que abarca uma multidão ou mesmo a totalidade das coisas conhecidas. Nesse sentido a humildade é a contemplação em embrião uma vez que a humildade também é um processo de compreensão da sua própria natureza, uma tomada de consciência da condição da criatura e da condição do Criador.

Tendo esclarecido esses elementos, ficará mais fácil compreender os meios pelos quais a humildade se manifesta. Obviamente não pretendemos esgotar a totalidade da manifestação da humildade, apenas as condições preliminares para o seu desenvolvimento.

Por fim, abordaremos a relação entre a humildade, o aprendizado e a vida de virtudes – como se notará –; essa tríplice condição constitui o cerne do desenvolvimento do estudante. Uma vida humilde é o que propicia o crescimento da inteligência e da vontade: a verdade-bondade, conhecimento-amor, são coisas que caminham em conjunto.

### **1.1 A VIA EDUCACIONAL DA ESCOLA VITORINA.**

O *Incipit*<sup>4</sup> do *Didascalicon* [*ominum expentundorum prima est sapientia, in qua perfecti boni consistit*] evidencia a que se destina a educação da

---

<sup>3</sup> "Contemplatio est perspicax et liber anima intuitus in res perspicendas usquequaque diffusas. Inter meditationem et contemplationem hoc interesse videtur, quod meditatio semper est de rebus a nostra intelligentia occultis; contemplatio vero de rebus vel secundum suam naturam vel secundum capacitatem mostram manifestis; et quod meditatio semper circa unum aliquid rimandum occupatur; contemplatio autem ad multa vel etiam ad universa comprehendenda diffunditur. Meditatio itaque est vis quaedam mentis curiosa ac sagax obscura investigare et perplexa evolvere. Contemplatio est vivacitas illa intelligentiae, quae cuncta in palam habens manifesta visione comprehendit, et ita quodammodo id quod meditatio quaerit, contemplatio possidet".

<sup>4</sup> No período medieval, os manuscritos eram nomeados a partir de suas palavras iniciais que eram denominados de *Incipit*. Assim, quando se citava um documento medieval, era preciso dizer a *Incipit* e a sua *Explicit* – as palavras finais.

escola vitorina: “De todas as coisas que devem ser almeçadas, a primeira é a Sabedoria<sup>5</sup>, na qual consiste a forma do bem perfeito” (HUGO DE SÃO VITOR, 2018, p. 31). Essa sabedoria é algo que é desejado desde os antigos, tal fato pode ser comprovado pela simples compreensão da palavra filosofia [Φιλοσοφία = filo + sophia. Literalmente, o Amigo da Sabedoria], e que, costumeiramente, atribui-se a Pitágoras a autoria da expressão: “Pitágoras, o primeiro de todos, denominou a busca da sabedoria [*studium sapientia*] de *filosofia*”<sup>6</sup> (HUGO DE SÃO VITOR, 2018, p. 35).

Diferentemente do que poderiam supor, a sentença não é uma herança direta de S. Agostinho – embora o famoso teólogo tenha colaborado para esta noção – segundo Taylor (1961, p.175), é uma adaptação do texto de Boécio<sup>7</sup>, *De Consolatione Philosophiae*: “*you have seen what the form of the perfect and imperfect Good is [...] Of all the things to sought, the highest and cause why the others are sought is the Good [...] in that Good lies the substance of God*”<sup>8</sup>.

Entretanto, assegura Illich, podemos reportar essa perspectiva a Varrão<sup>9</sup> que foi o primeiro a definir “*learning as the “search for wisdom” [...] In this tradition, the ultimate task of the pedagogue is defined as that of a guide who helps the student grasp the Good, bonum, wick, in turn, will bring the pupil to wisdom, sapientia. Both words appear in Hugh’s Incipit: sapientia,*

<sup>5</sup> *Omnia expetendor um prima est sapientia, in qua perfecti boni forma consistit.* Salvo por palavras expressas, o termo sabedoria deve ser entendido como sapiência, pois, segundo Antonio Marchionni, o termo remete à mente divina, seguindo a tradição patrística e posterior, como em Santo Agostinho e São Francisco de Assis que chegam a invocar ao Cristo como “Sapiência do Pai”, expressão que também está presente no Didascálicon (Livro IV, Capítulo 8). (Cf. MARCHIONNI, A. Introdução. In: *Didascálicon* da arte de ler. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 10). Retomaremos a este assunto mais a frente.

<sup>6</sup> A tradução melhor seria: o estudo da sabedoria [*studium sapientiae*] – termo utilizado desde o período de Agostinho – e que significa empenho, dedicação. Estudo da sabedoria seria, então, o empenho de busca da sabedoria. Deste modo o significado fica mais aparente.

<sup>7</sup> Boécio (480 a.C – 524 a.C.), filósofo, poeta, estadista e teólogo nascido em Roma, depois de Constantino, seu pensamento teve grande influência entre os pensadores medievais, que, por sua vez, foi influenciado pelo pensamento de S. Agostinho. Recebeu formação em Atenas e teve contato com toda a tradição dos filósofos gregos e em especial dedicou-se na tradução dos textos aristotélicos que compõe o *Orgánon*.

<sup>8</sup> Grifo nosso. “[...] uma vez que já vistas as formas que reveste o bem imperfeito assim como as que revestem o bem perfeito [...] de todas as coisas a serem buscadas, a primeira e a razão pela qual todas as demais são desejáveis é o Bem [...] Onde reside a substância de Deus”. (BOÉCIO, III, 19) – tradução nossa.

<sup>9</sup> Varrão (116 a.C.–27a.C.), de origem romana, foi filósofo, antiquário e, além disso, foi bibliotecário de César e de Augusto, escreveu, entre outras coisas, a primeira gramática normativa do Latim.

*in qua perfecti boni consistit*" (ILLICH, 1996, p. 8)<sup>10</sup>. Assim fica claro que Hugo está embebido da mesma tradição formativa iniciada pelos antigos gregos e romanos.

Porém, é preciso que nos atenhamos ao modo como atingiremos esse fim, pois certamente merece a nossa reflexão; e ao que tudo indica se não realizarmos esse propósito, nossa vida não será merecida, uma vez que não alcançaremos a nossa finalidade, que é a própria sabedoria, como entende Hugo de São Vitor.

O propósito educacional é com toda a certeza um imperativo para o homem, haja vista que somos uma realidade em aberto, isso é:

*[...] nascemos com uma série de possibilidades que se tornam atos conforme as eleições que fazemos; as decisões consequentes da liberdade com que deliberamos em nossas vidas. Quando tomamos um recém-nascido nos braços, temos a sensação de que ele poderá vir a ser qualquer coisa. [...] sem dúvida, este mesmo bebê é uma realidade em aberto, nascida com algumas determinações (família, sexo, raça etc.) e potente para uma série de trajetórias possíveis. Tudo dependerá de uma combinação complexa de fatores, da intersecção dramática entre natureza, inclinações pessoais, meio social e causas autorais (AMORIM, 2017, p.18).*

Toda essa concepção demonstra o dramatismo que é a vida humana, sobretudo pelo fato de que, de todas as substâncias que constituem o mundo, somos o único ser capaz de não a realizar; pois somos uma substância bem peculiar, que deve ser tratada por seu nome próprio: pessoa<sup>11</sup>. Então,

<sup>10</sup> As traduções da presente obra são de nossa autoria. "estudo [*learning*] como a 'procura da sabedoria' [...] nesta tradição, a tarefa última do pedagogo é definida como a de um guia que auxilia o estudante a captar o Bem, *Bonum*, que, por sua vez, conduzirá o aluno à sabedoria, *Sapientia*, ambas expressões aparecem no *Incipt* de Hugo: *sapientia, in qua perfecti boni consistit*"

<sup>11</sup> Escrevemos um artigo sobre pessoa humana (ainda que tenha sido um estudo realizado em outro autor – Romano Guardini – temos por certo, que está bem descrito o que queremos aqui nos referir por pessoa, não diverge da nossa argumentação anterior) publicado pela revista *Brasiliensis*, Brasília, DF, v. 7 n. 14, p. 117-140, jul./dez. 2018

enquanto tratamos as coisas e os animais pelo pronome “que”, ao nos referirmos à substância humana temos que nos referir de modo distinto, como “quem”, demonstrando a complexidade que é esclarecer *quem* somos, isso é, de manifestar a nossa substancialidade, dado que cada um é uma realidade única e irrepetível, portanto. Conseqüentemente, a

*[...] substância do homem é diferente de todas as outras coisas – o homem não é uma coisa, é uma pessoa que se elege a si mesma. Quando dizemos que o ser humano é cocriador, queremos dizer que o homem recebe, de Deus, uma parte da sua realidade, mas que a outra parte é ele quem faz. Portanto, ao tratarmos da pessoa, é possível falarmos de uma “perda de substância”, no sentido de que o homem pode deixar de realizar a si mesmo e as potências humanas que o instalam devida e dignamente no mundo como exemplar desta espécie a que pertence (AMORIM, 2017, p. 22).*

Assim parece evidente que a educação é um valor perene, isso é, todo e qualquer ser humano precisa educar-se, correndo o risco de não realizar a sua própria substância pessoal. Por isso compreende Fernandes (2012, p. 34) que a “educação acontece onde e quando acontece o homem, ou seja: o que está em jogo, na educação é a autoconstituição do homem no vigor do seu ser, o perfazer-se e consumir-se do humano em sua humanidade”. Por isso, podemos afirmar que o homem é um ser para a educação; de fato, é como se a natureza mesma nos convidasse a esta auspiciosa tarefa, que tem como fim, segundo Hugo propõe, alcançar a sabedoria. Diante deste motivo é que podemos concluir que o

*[...] homem é uma animal educador, não por uma ideia preconcebida, mas porque a natureza assim os inspira. É fácil perceber isto, porque vemos uma profunda diferença neste aspecto entre o homem e os demais animais, Enquanto a maioria dos animais, apenas recém-nascidos, já são capazes de cuidar de suas*

*próprias vidas, o homem nasce frágil e dependente de seus pais durante uma quantidade muito grande anos (sic) não só para a sua sobrevivência física, mas também para se ambientar ao mundo e à natureza e que é, ela própria, uma instituição da natureza (ROSA, 1989, p. 132).*

Conseqüentemente, parece evidente que a educação é o caminho para nos levar à excelência na prática das virtudes e para a vida teorética. Tanto é assim que Platão afirmara que, para findar os males políticos – portanto, sociais –, seria necessário que os governantes fossem educados ao modo filosófico: “Portanto, os males não cessarão para os humanos antes que a raça dos puros e autênticos filósofos<sup>12</sup> chegue ao poder, ou antes, que os chefes das cidades, por uma divina graça, se não ponham a filosofar verdadeiramente” (PLATÃO, 1989, p. 2).

Dito isso, parece-nos evidenciar a relação que se deve estabelecer entre o processo educacional e a busca por uma vida plena, uma vida de sabedoria. Destacamos que Hugo, apesar de acatar a doutrina platônica, não professa a doutrina de Platão *ipsis litteris*, mas aquela que Santo Agostinho corrigiu e purificou e complementou com o dogma cristão (Cf. HUGONIN, 2019).

Diz-nos Hugo sobre a relação entre os filósofos com a sabedoria:

*A filosofia também é o amor, a inclinação e, de certo modo, a amizade para com a Sabedoria, não desta sabedoria que consiste na ciência de algumas ferramentas e atividades práticas, evidentemente, mas daquela Sabedoria que de nada carece, que é mente vivaz e a primeira e a única razão das coisas<sup>13</sup>. Também este amor da Sabedoria é uma iluminação*

<sup>12</sup> Destacamos que Joseph Pieper afirma que em Platão não há uma verdadeira distinção entre o que é acadêmico – conseqüentemente o que é fruto da educação –, o que é filosófico, e nem aquilo que é a vida teorética, portanto temos uma comunicação intrínseca entre ambas as concepções. Retomaremos esse assunto em momento oportuno (Que é Filosofar. Que é Acadêmico. São Paulo: Editora Herder, 1968).

<sup>13</sup> Apesar da clareza com que Hugo se refere à uma divindade, somente retomaremos a este aspecto no último capítulo da presente dissertação. Optamos por primeiro estabelecer os elementos formais daquilo que temos chamado de “pedagogia” vitorina, para então nos aventurarmos posteriormente nos elementos metafísicos que são abordados pelo Mestre Vitorino.

*do espírito inteligente feita pela pura Sabedoria, e de certo modo um chamado e um retorno a si, de modo que apresentam unidas a busca da Sabedoria e a amizade com esta inteligência pura e divina. Portanto, esta Sabedoria deposita o mérito de sua divindade em todos os gêneros de almas, e as reconduz à sua própria força e à pureza natural. Disso nasce a verdade da especulação e da cogitação e a pureza santa e casta das ações. (HUGO DE SÃO VITOR, 2018, p. 37).*

A sabedoria é proposta por Hugo como o bem mais excelente que podemos possuir, e que, dentro da sua filosofia, se identifica com o próprio pensamento divino. “Ora, essa *Sapientia* nada mais é do que a Mente Divina ou a Forma Perfeita que forma todas as coisas, inclusive o homem que, olhando para si mesmo, encontra os vestígios daquela *Sapientia* através de um processo de iluminação” (NOGUEIRA, 2013, p. 54). Consequentemente, toda a sua pedagogia é baseada nessa mesma perspectiva; de tal modo que há uma comunicação entre o espírito humano e o divino; mas resta a questão: como podemos alcançá-lo? Afirma o diretor da escola de São Vitor: “Há no homem duas ações que reparam sua semelhança divina: a especulação da verdade e o exercício da virtude, pois o homem é semelhante a Deus quando é sábio e justo, porém de modo mutável, enquanto Deus é sábio e justo de modo imutável” (HUGO DE SÃO VITOR, 2018, p. 49).

Em nossa exposição desejamos esclarecer o significado dessa última sentença, que enxerga, na tarefa educacional, uma reparação do espírito humano. Alcançar a contemplação desta Sabedoria é a tarefa final da educação<sup>14</sup>. Entretanto, no presente artigo, o leitor encontrará a base de todo o edifício educacional: a humildade.

Para que seja possível o aprendizado, requer-se um princípio, e esse pressuposto é a humildade. Assim o exprime Hugo de São Vitor: “*A humildade*

<sup>14</sup> Em nosso mestrado, abordamos essa questão de um modo mais abrangente, para quem deseja se aprofundar nessa questão recomendamos a leitura integral que se encontra no repositório online da Universidade de Brasília.

é o princípio do aprendizado, e sobre ela, muita coisa tendo sido escrita [...], de modo principal, dizem respeito ao *estudante*<sup>15</sup> (HUGO DE SÃO VITOR, 2019a, p. 71). A humildade é um elemento central na doutrina vitorina, uma vez que Hugo de São Vitor a descreve como princípio [*Principium discendi humilitas est*], esse trecho retirado do *Opúsculo Sobre o Modo de Aprender e Meditar*, é de extrema importância, uma vez que se coaduna com a perspectiva descrita no *Didascalicon* [*Principium autem disciplinae<sup>16</sup> humilitas est*]. Portanto, é necessário tomar uma atenção a mais para esse ponto, a fim de delimitar a problemática que está por trás desta afirmação.

### 1.2 A DEFINIÇÃO DE HUMILDADE.

Hugo de São Vitor em seu *Opúsculo Sobre os Frutos da Carne e do Espírito* apresenta uma definição bastante clara acerca da humildade, partiremos dela para melhor delimitarmos o alcance de sua expressão. A definição se dá nos seguintes termos: “uma inclinação voluntária da mente proveniente da intuição de sua condição de criatura e da condição do Criador” [*Humilitas est ex intuitu propriae conditionis creaturae, vel conditoris, voluntaria mentis inclinatio*] (HUGO DE SÃO VITOR, 1880, p. 1002).

Destacamos duas perspectivas: a primeira, é o reconhecimento de nossa condição criatural; e a segunda, é a condição do Criador. O homem quando investiga o seu existir percebe que o seu ser não se dá a partir de si (*a se*), mas a partir de outro (*ab alio*). Nesse sentido, a humildade consiste numa intuição<sup>17</sup> ontológica, na percepção da própria condição de criatura – cujo ser é concedido pelo ato criador de Deus – *creatio ex nihilo* ou *de nihilo* (desde o nada) é de ordem psicológico-ético, pois se trata de uma inclinação

<sup>15</sup> Aqui encontramos de modo mais evidente como o caráter central da pedagogia de Hugo é de fato o aluno, o seu escrito se dirige não para quem está lecionando, mas para aquele que deseja aprender. Grifos nossos.

<sup>16</sup> O termo “disciplina” não deve ser interpretado de modo vulgar, não se trata de uma espécie de corpo doutrinário ou de um cronograma de matérias a serem estudadas. Aqui o sentido mais puro é o de aprendizado, educação.

<sup>17</sup> Intuir deve ser entendido como a percepção de uma presença, perceber que algo está presente. A intuição funciona apenas na medida da instantaneidade. Não é possível ter uma intuição do que aconteceu ontem ou do que acontecerá amanhã, por exemplo.

voluntária da mente que altera a forma do agir humano. Humildade é viver e agir desde a verdade da própria "niilidade" (criatural); num primeiro momento, a experiência e reconhecimento do meu ser aparecem como uma experiência de *poder*, pois nos revela que somos algo de durável e de inapagável da existência; este meu "eu" se revela como uma força indestrutível.

Mas, tão logo nos demos conta dessa nossa existência, surge a seguinte questão: por que "eu" existo? Essa questão nos coloca sobre um segundo momento da reflexão: um sentimento de *impotência*; não há nada em nós que justifique o nosso existir, logo, se não trazemos em nós a necessidade de existir, notamos que cada alma é uma criação livre, não necessária, da ação de um Criador; o que faz brotar um reconhecimento agradecido, o ser como recebido (finitude agraciada). Somente a partir desse nível *ontológico* é que se torna mais inteligível a dignidade ética da humildade (virtude como potência de ser e beleza de ser).

Há muita distorção na comum opinião dos homens sobre o que seja a humildade, as quais dificultam uma apreciação de sua verdadeira natureza. Para alguns, a humildade seria uma forma de autodesprezo; para outros, uma ingenuidade incapaz de reconhecer a maldade alheia; para outros ainda, a submissão irracional a qualquer forma de violência, física ou psicológica, externamente imposta.

*A humildade é o pulsar interno e duradouro da disposição espiritual para o servir no centro de nossa existência, da disposição para servir a todas as coisas, às boas e às más, às belas e feias, às vivas e mortas. Ela é o esboço psíquico interno de um grande movimento cristão-divino, no seio do qual voluntariamente se entrega à sua grandeza e majestade que convém ao homem; e isto para que todo homem e toda criatura se tornem servos livres e bem-aventurados (SCHELER, 1994, p. 23).*

Deve-se dizer que a humildade entendida enquanto *esboço psíquico interno* é a consciência<sup>18</sup> que o homem possui de ser apenas ser humano ou, melhor dizendo, uma criatura humana e não um ser divino ou um ser dotado de atributos divinos; significa também a consciência das implicações que se seguem dessa ideia: capacidade de agir coerentemente com elas a fim de sermos livres e bem-aventurados.

As pessoas que, em graus maiores e menores, não possuem a virtude da humildade são aquelas que, em seu agir, quer elas o entendam ou não, quer o admitam ou não, procedem de tal forma que suas atitudes só poderiam ser explicadas coerentemente na hipótese de que elas tivessem admitido como pressuposto de seu agir que elas não são homens, mas deuses, ou criaturas dotadas de atributos divinos ou, pelo menos, seres dotados de uma natureza mais do que humana “[...] por isso caem numa afetação de altivez [*elationis tumorem*], e logo começam tanto a simular [*simulare*] que são o que não são, quanto a envergonhar-se do que são” (HUGO DE SÃO VITOR, 2018, p. 145). O *tumor elationis* significa, literalmente, um inchaço de elevação; a pessoa começa a se comportar com certa seriedade excessiva que não lhe convém no estado atual. ‘A fábula da rã’ que deseja inchar-se para parecer grande como um boi serve de ilustração do que trata Hugo de São Vitor; o inchaço é um crescimento não natural, como ocorre com o orgulhoso, basicamente é o desejo de crescer por fora, sem contudo ter substância interna; a palavra *vanitas*, de onde surge o termo *vaidade*, significa “espaço vazio”, porque o vaidoso é como uma bexiga: embora nos pareça grande exteriormente, por dentro está apenas cheio de ar.

Quanto ao verbo *simulo*, encontramos a mesma raiz em *similis* isto é, “semelhante”; aqueles que desejam assemelhar-se aos sábios procuram imitá-los. Na língua latina encontramos também o verbo *imitor*: “quem segue os passos de alguém, imita substancialmente”; enquanto *simulo* dá uma ideia

<sup>18</sup> Aqui poderia soar estranho ao leitor o emprego da palavra consciência, contudo Hugo de São Vitor já era herdeiro de uma concepção de consciência como podemos notar no *Didascalicon*: “o verdadeiro bem está escondido na pura consciência” [*verum bonum in pura conscientia esse absconditum*] (L. III, c. 14, §2).

de simular, uma reprodução da aparência. Ou seja, há um indício de que quem sofre dessa “altivez inflada”, deseja ser *como* os sábios, e por isso busca ser *semelhante* a eles, como se imitar o comportamento superficial o tornasse sábio. É preciso comportar-se como o que se é, e não quem gostaria de ser. O querer parecer sábio pode impedir o progresso do estudante.

A conduta do homem orgulhoso, ou soberbo, é, assim, sob qualquer ponto de vista, uma conduta absurda. Para ser coerente com o seu procedimento, o homem orgulhoso teria que admitir com sinceridade um pressuposto absurdo: se se recusar a fazê-lo, então sua própria conduta, considerada em si mesma, torna-se absurda porque incoerente.

O orgulho (soberba) é o completo oposto à humilde; se neste último há uma abertura para o reconhecimento da minha condição e da condição do criador, o primeiro refere-se à altivez inflada; o orgulhoso está tão cheio de si que nada mais comporta se não a sua própria *vanitas*.

*[...] ela [a soberba] faz com que o sujeito, orgulhoso de si, sempre ultrapasse novamente todas as coisas e valores, até o momento em que, ela nos desprende sucessivamente de todos os bens e valores [...] como condição “restringente” de possibilidade para o orgulho absoluto, o orgulho do nosso eu nu e esvaziado – seu movimento descreve a direção exata que conduz para o seio disto que com razão os cristãos chamaram de “inferno”: o inferno próprio que é a não posseção do amor (SCHELER, 1994, p.25).*

O orgulho é a soberania sobre “tudo”, assim caracteriza a vacuidade do amor (da caridade – como diria Hugo) e nesse movimento opressor envolverá cada vez mais a consciência de valor, até que se centre sobre o ponto do eu. “A *imagem* interna que o orgulhoso tem de si mesmo, e cujo conteúdo ele tão-somente avalia, visto que ele é esta imagem, se torna sempre um meio mais turvo [...] [isolando-o] do conhecer a si mesmo e do saber de si mesmo” (SCHELER, 1994, p.25).

Temos aqui estabelecidos três elementos deduzidos da natureza da humildade: o primeiro é reconhecer que se é apenas mais um ser humano, ou, em termos cristãos, que somos uma criatura – se é-nos permitido insistir. Todos somos criaturas porque nosso ser foi dado pelo criador no momento da criação, “[...] ou, mais precisamente, o conceito de que não há nada que não seja *criatura*, a não ser o próprio *Criador*. E: que a “criaturalidade” (*kreaturlichkeit*) determina toda a estrutura interna da *criatura*” (PIEPER, 1973, online). Este pensamento – a noção de criação e criatura – é o que norteia a visão filosófico-teológica de Santo Tomás de Aquino – e dos pensadores medievais – segundo Pieper, por isso afirma que “[...] é impossível compreender, por exemplo, o ‘aristotelismo’ de Tomás de Aquino se não o entendermos a partir desse conceito fundamental, levado às suas últimas consequências (sic), segundo o qual todas as coisas são *criatura* – não somente a alma e o espírito, mas todas as coisas pertencentes à realidade do mundo visível” (PIEPER, 1973, online). Assim compreendemos que não cabe à criatura conceder o seu próprio ser a si mesmo.

Esclarecidos esses termos, temos agora condições de seguir para o segundo ponto: se não somos capazes de nos dar o nosso próprio ser, por conseguinte, não posso ser um ser divino; mas o reconhecimento desses dois pressupostos não bastam, e talvez aqui se enquadre de modo mais evidente a intercomunicação entre os elementos educacionais e morais, pois não basta formular intelectualmente tais conhecimentos desses dois princípios. É preciso, antes, uma terceira via, a saber: a capacidade de agir de acordo com os que foram elencados, ou ter a “capacidade de agir coerentemente com eles”.

Esta disposição da mente, que é uma consequência da consciência de ser apenas uma criatura e não um deus, manifesta-se no homem através de três sinais. Estes sinais podem servir-nos como auxílio para exemplificar mais claramente o que significa a virtude da humildade, na medida em que uma causa pode ser mais bem conhecida pelos seus efeitos. Eles podem

servir-nos também para que, por meio deles, possamos avaliar o quanto temos progredido efetivamente nesta virtude.

### **1.3 AS MANIFESTAÇÕES DA HUMILDADE.**

Hugo de São Vitor elenca algumas qualidades dentre as quais o estudante deve possuir a fim de progredir no seu aprendizado, sendo a primeira delas a humildade: “Quando certo sábio fora interrogado sobre o modo e a forma de aprender, ele respondeu: ‘uma mente humilde’<sup>19</sup> [...]” (HUGO DE SÃO VITOR, 2018, p. 143). Logo em seguida vemos elencadas três disposições para o que o estudante seja humilde: [...] “primeiro que ele não tenha por desprezível nenhuma ciência ou escritura; segundo, que não se envergonhe de aprender de ninguém; terceiro, que, tendo alcançado a ciência, não despreze aos demais”<sup>20</sup> (HUGO DE SÃO VITOR, 2018, p. 145). Estas disposições não dizem respeito à totalidade da vida humilde, antes servem de elementos preliminares para o desenvolvimento educacional.

Podemos dizer, sintetizando o que foi exposto, que os três sinais principais pelos quais se manifesta a humildade no homem são os seguintes: Uma reverência espontânea para com aquilo que é por natureza ou por referência superior ao homem, como o são Deus, as coisas sagradas ou mesmo a lei moral natural. Um respeito incondicional por qualquer ser humano. Um desejo profundo e constante de aprender, principalmente as coisas mais elevadas (Cf. ROSA, 1994). Todas estas manifestações são sinais de humildade por serem uma consequência imediata – para retomar a nossa discussão anterior – da consciência de nossa condição de criatura e da condição do Criador.

Disso decorre que, para participar da natureza da existência, dependo de um outro ser que, no caso mais eminente, são os nossos pais. Devemos, sobretudo, considerar que fôra um dom gratuito, recebido não porque merecíamos. Afinal, seria impossível que nos conhecessem antes de termos

<sup>19</sup> Sapiens quidam cum de modo et forma discendi interrogaretur: Mens inquit humilis.

<sup>20</sup> [...] primum, ut nullam scientiam, nullam scripturam vilem teneat, secundum, ut a nemine discere erubescat, tertium, ut cum scientiam adeptus fuerit, ceteros non contemnat.

nascido. Logo, há pelo menos um elemento que evidencia a natureza do que Hugo está tratando: não podemos ser criadores, tivemos o nosso ser gerado pelos nossos pais, e estes tampouco podem ser criadores uma vez que também eles foram gerados, segue-se deste modo que, na percepção de Hugo, a vida humana depende da perspectiva da criação.

O segundo tópico anunciado, "um respeito incondicional por qualquer ser humano" parece bastante sensato e não cremos que se possa objetar essa colocação e tão pouco levantar-lhe críticas. Contudo, essa proposição parece não ser levada até a sua inescapável conclusão nos tempos correntes. Ao afirmar que devemos ter o respeito por qualquer ser humano, significa reconhecer que temos uma mesma natureza, conseqüentemente, qualquer desrespeito, seja de cor, de sexo, de religiosidade, é, na verdade, uma soberba por parte daquele que o realiza, isto é, falta ao sujeito que comete tal leviandade compreender a sua verdadeira natureza que é a de criatura tanto quanto o outro a quem desmerece. "Não existe ninguém a quem tudo foi dado saber, nem tampouco ninguém a quem não aconteceu de receber algo de especial da natureza"<sup>21</sup> (HUGO DE SÃO VITOR, 2018, p. 145). Se não temos uma natureza especial é preciso ter em mente, ao lidar com os demais, certos princípios sob o risco de lidar com o outro de modo soberbo.

O respeito incondicional por todos os seres humanos é uma exigência da humildade porque, aquele que tem a consciência de ser apenas uma criatura humana e não um deus é levado a reconhecer que a dignidade humana que eles possuem é essencialmente a mesma em todos os demais homens, independentemente de quaisquer condições circunstanciais. O homem rico que não trata o homem pobre com o mesmo respeito com que trataria outro homem rico deverá admitir, se quiser explicar de uma forma coerente o seu comportamento, que está agindo como se estivesse pressupondo considerar-se uma criatura superior, ou um deus, por ser rico.

---

<sup>21</sup> "Nemo est cui omnia scire datum sit, nec quisquam rursus cui aliquid spirituale a natura accepisse non contigerit".

Também para o estudioso esses preceitos não poderiam ser diferentes: “Alguns sofrem deste ego inflado porque contemplam demasiadamente seu próprio conhecimento e, quando lhes parece que são algo, julgam que outros, aos quais não conhecem [*quos non noverunt*], nem são nem poderiam ser como eles”<sup>22</sup> (HUGO DE SÃO VITOR, 2018, p. 149). O homem erudito que não trata o analfabeto com o mesmo respeito com que trataria outro erudito está também agindo como se tivesse admitindo o pressuposto de possuir atributos divinos, que o torna superior à comum natureza humana apenas por se tratar de um erudito.

*Quos non noverunt “aos quais não conhecem”, sugere que essa presunção de superioridade, da parte do vaidoso, não se funda sobre uma comparação entre duas coisas conhecidas o seu conhecimento e a ignorância alheia mas sobre a contemplação narcisista do próprio conhecimento, que por si mesmo se julga superior a todas as potências alheias. A vaidade, assim, tenta formular a comparação entre um termo conhecido e outros infinitos termos desconhecidos, coisa evidentemente absurda. Se eu sei muito, nem por isso é impossível que outro saiba mais: presumi-lo não é apenas vicioso, é francamente desonesto. A habilidade com que Hugo expõe os vícios, não apenas como desvios de conduta, mas também como erros intelectuais intoleráveis, é algo marcante da sua escrita. (FALCÓN, 2016, online)*

Estarmos conscientes de sermos criaturas têm implicações determinantes para a obtenção da virtude da humildade; por conseguinte, somente terá uma disposição pronta para o aprendizado quem possui tais qualidades. Podemos dizer que se trata de um verdadeiro empenho ascético, pois uma das características da espiritualidade vitorina é que a educação

---

<sup>22</sup> “Hoc autem tumoris vitium hinc quibusdam accidit, quod suam scientiam nimis diligenter inspiciunt, et cum sibi aliquid esse visi fuerint, alios quos non noverunt, tales nec esse nec potuisse fieri putant”.

e o estudo, conduzido segundo certos critérios, ao mesmo tempo amplos e claros, não existem apenas para desenvolver determinadas habilidades, fornecer conhecimentos gerais ou mesmo o conhecimento da ascese cristã, mas eles próprios – a educação e o estudo – se tornam um dos instrumentos dessa ascese.

Aqueles que não compreendem a via da humildade incorrem no risco de levar uma vida de confusão. “Estes preceitos enganam [*multos decepit*] a muitos que querem parecer sábios antes do tempo”<sup>23</sup>. (HUGO DE SÃO VITOR, 2018, p. 143). A densa psicologia desse trecho pode escapar ao leitor por causa da linguagem simples e despretensiosa. O “querer parecer sábio antes do tempo” não consiste numa intenção totalmente consciente, como uma dissimulação de fingir ser o que não é, mas antes numa *confusão* entre o que se deseja e o que se é; por isso Hugo diz que esse impulso *multos decepit*, “engana, ludibria, iludem”, insinuando que a soberba não permite ter consciência do que faz, mas é como que levado a isso, talvez sem perceber que se desvia do caminho.

Por esses pontos elencados, podemos mais facilmente perceber o porquê da terceira proposição: “Um desejo profundo e constante de aprender, principalmente as coisas mais elevadas”. Hugo de São Vitor pretende que a via pedagógica seja, ela mesma, um caminho para conduzir ao fim último, por isso a busca pelo conhecimento coincide com a vida humilde.

O desejo de aprender provém, no homem humilde, da consciência de que, como criatura, não só não possui a onisciência divina, como também não possui a perfeita bondade de Deus. Deveríamos ter muito claro que não somos portadores da onisciência divina. Os seres humanos sabem que muito mais é o que ignoram do que totalidade de tudo aquilo que pode ser conhecido. O problema está, na prática, quando agimos como se desconhecêssemos apenas os detalhes do conjunto da realidade cognoscível, tendo, porém, uma perfeita ciência da ordem essencial do

---

<sup>23</sup> “Multos hoc decepit, quod ante tempus sapientes videri volunt”.

Universo e do significado do homem dentro dela. Deus os superaria apenas no conhecimento enciclopédico dos detalhes da criação, não, porém, no conhecimento dos traços gerais do plano criador. É evidente que quem pensa ou age com coerência a partir desta concepção terá muito pouco interesse em aprender, pois está cerrado em si. "O orgulhoso: este é o homem que através de contínuo *olhar para baixo*, se insinua a si mesmo, que fica por sobre a torre [...]. Só existe uma coisa que exclui a humildade: o orgulho do ser, que aponta para a substância do valor próprio!" (SCHELLER, 1994, p. 26-7).

Logo, a motivação para aprender será apenas circunstancial; ela dirá respeito apenas a alguns detalhes eventuais, dos quais ele admite não ter a obrigação de conhecê-los a todos.

*Ele [o orgulhoso] procurará aprender estes detalhes que reconhece ignorar quando o conhecimento dos mesmos, pelas contingências da vida, se tornar necessário para o êxito de seus empreendimentos pessoais. Costuma ocorrer também que um homem como este julgue ser alguém essencialmente honesto e justo, não necessitando de progredir na vida das virtudes, a não ser, talvez, em um ou outro pequeno detalhe, já que ninguém pode ser inteiramente perfeito. Deste modo, vemos tratar-se de alguém que se julga suficientemente rico de conhecimento e de virtude e que, se ouve falar da graça, fonte tanto da virtude como da verdadeira sabedoria, não saberia dizer no que ela poderia vir a ser-lhe verdadeiramente útil. Julgando-se assim tão bem dotado em bens da alma, não pode evidentemente possuir grandes motivações para buscar qualquer aprendizado mais profundo. Às vezes, mas não necessariamente, sua verdadeira motivação vital é a busca da riqueza material, de que pode considerar-se injustamente pobre e carente. O homem humilde, ao contrário, tendo consciência de suas verdadeiras condições, reconhece ser um indigente de graça,*

*virtude e conhecimento e busca, por uma necessidade intrínseca e constante, estes bens com avidez e interesse. O homem humilde, por este motivo, busca avidamente aprender quer se lhe ofereça ou não a oportunidade de fazê-lo; a consciência de sua indigência é tão clara que se o conhecimento não se lhe apresenta ele irá buscá-lo onde quer que seja possível encontrá-lo (ROSA, 1994, p. 38).*

É precisamente isso o que podemos depreender da ideia de Hugo de São Vitor quando ele diz: “O que não sabes aprende de boa vontade de qualquer um, porque a humildade pode tornar comum a ti aquilo que a natureza deu de especial a cada coisa. Serás mais sábio do que todos se quiseres aprender de todos. Os que recebem de todos são mais ricos do que todos”<sup>24</sup> (HUGO DE SÃO VITOR, 2018, p. 143). Quando voltamos o nosso olhar para o pensamento socrático, vemos que a ideia do não-saber, consagrada sob a fórmula *só sei que nada sei*, está envolta nesta ideia de humildade: uma disposição de aprender de todos. Quem assume esse firme propósito acabará tornando-se mais sábio.

Outro fato importante é que o intelecto, por ser finito, não pode alcançar com precisão a verdade, como afirma Nicolau de Cusa, pois o intelecto jamais compreende a verdade de modo tão preciso que ela não possa ser compreendida de modo infinitamente mais preciso “pois ele [o homem] está para a verdade como o polígono para o círculo: por mais ângulos que tenha inscritos, tanto mais semelhante [será] ao círculo, mas nunca será igual, ainda que se multiplique seus ângulos até o infinito, a não ser que se resolva na identidade com o círculo” (CUSA, 2003, p. 7-8). Além disso, o estudante, por mais que reconheça que não alcançará plenamente, deve ter em mente a tarefa de amá-la em sua totalidade, por isso o desejo será sempre constante e este será o amante da sabedoria: “Porventura não

---

<sup>24</sup> “Ab omnibus libenter disce quod tu nescis; quia humilitas commune tibi facere potest, quod natura cuique proprium fecit; sapientior omnibus eris, si ab omnibus discere volueris”.

diremos também do filósofo que está desejoso da sabedoria, não de uma parte sim e de outra não, mas da totalidade? Aquele que deseja prontamente provar de todas as ciências e se atira ao estudo com prazer e sem se saciar, a esse chamaremos com justiça filósofo” (PLATÃO, 2012, 475 b-c). Nisso reconhecemos o desejo de sempre aprender, e, para o filósofo, a coisa mais elevada é a própria sabedoria.

Santo Atanásio descreve, na biografia que redigiu sobre Santo Antão, uma verdadeira lição sobre a humildade, fato este que ocorreu logo após a conversão do eremita ao cristianismo.

*Ele [Antão] soube ainda quando jovem, que havia na aldeia um ancião que desde a sua juventude levava na solidão uma vida de oração. Quando Antão o viu, `teve zelo do bem', e se estabeleceu imediatamente na vizinhança da cidade. Desde então, quando havia em alguma parte uma alma esforçada, ia, como sábia abelha, buscá-la, e não voltava sem havê-la visto. Só depois de haver recebido, por assim dizer, provisão para a sua jornada de virtude, regressava. Assim vivia Antão e era amado por todos. Submetia-se com toda a sinceridade aos homens piedosos que visitava, e se esforçava por aprender aquilo que em cada um avantajava em zelo e prática religiosa. Observava a bondade de um, a seriedade de outro na oração; estudava a aprazível quietude de um e a afabilidade de outro; fixava sua atenção nas vigílias observadas por um e nos estudos de outro; admirava um por sua paciência, e outro pelo jejuar e dormir no chão; considerava atentamente a humildade de um e a paciência e a abstinência de outro, e em uns e outros notava especialmente a devoção a Cristo e o amor que mutuamente se davam. Então se apropriava do que havia obtido de cada um e dedicava todas as suas energias a realizar em si as virtudes dos outros. Não tinha disputas com ninguém de sua idade, nem tampouco queria ser inferior a eles no melhor; e ainda isto fazia de tal modo que ninguém se sentia ofendido,*

*mas todos se alegravam com ele. E assim todos os aldeões e os monges com os quais estava unido viram que classe de homem era ele e o chamavam de amigo de Deus, estimando-o como a um filho ou irmão (ATANÁSIO, 1990, online).*

O homem humilde, aquele verdadeiramente consciente de não ser um deus, ou um ser dotado de atributos que superam a natureza humana, deve ouvir sempre e com atenção qualquer outro ser humano que lhe dirija a palavra, independentemente de quem seja. Portanto, deve estar aberto para a possibilidade, seja lá quem quer que seja, pois poderá vir a tratar de algum assunto importante, talvez até mais importante de tudo quanto o sujeito pressuponha conhecer.

*Esta é a atitude daquele que compreende que é e o que observa no cosmos, vendo a si como criatura e a grandeza da criação [...]. Vemos, ademais, por meio desta explicação, que a humildade é uma virtude essencialmente cosmológica, entendendo esta palavra no seu sentido original, pela qual os gregos, derivando-a de um verbo que significa ordenar com estética, chamaram ao próprio Universo de Cosmos, por perceberem ser nele a beleza da ordem o seu mais manifesto atributo. A humildade, através da reverência para com o divino, o respeito incondicional para com o semelhante e o desejo profundo de aprender, ordena o homem em sua consciência e em seu agir em relação a Deus, aos demais homens e a si mesmo segundo a própria ordem que se manifesta no Universo (ROSA, 1994, p. 29).*

Esclarecidos esses aspectos da humildade, temos que o pré-requisito para a vida contemplativa se acha nessa postura virtuosa. Por isso “a contemplação, sendo uma realidade muito rica, pode ser apreendida sob diversos aspectos. Pode-se mostrar, porém, que seja qual for o

aspecto apreendido, sob este mesmo aspecto, a humildade será a própria contemplação em embrião” (ROSA, 1994, p. 38).

Aqui reverbera o conselho de Hugo de São Vitor, para que o aluno sempre trilhe esta estrada mestra da humildade:

*O bom leitor [estudante] deve então ser humilde e manso, totalmente alheio às preocupações vãs e aos encantamentos dos prazeres, diligente e assíduo; para que aprenda de todos de boa vontade, para que nunca presuma de sua ciência, para que fuja dos autores de doutrinas perversas<sup>25</sup> como se foge do veneno, para que aprenda a meditar durante muito tempo sobre uma coisa antes de julgá-la, para que não busque parecer sábio, mas sê-lo, para que honre os conhecimentos adquiridos dos sábios, e para que procure tê-los sempre diante dos olhos como um espelho de seu próprio rosto. E se por acaso seu intelecto não compreender as coisas mais obscuras, não prorrompa imediatamente em vitupérios, para que não acredite que é bom unicamente o que ele pode entender por si mesmo. Esta é a humildade própria da disciplina dos estudantes<sup>26</sup> (HUGO DE SÃO VITOR, 2018, p. 147).*

A noção segundo a qual a humildade é o primeiro princípio não só do aprendizado, mas também, de toda a vida espiritual da qual o aprendizado é um aspecto, permeia toda a tradição cristã e julgamos que está bastante evidente a importância que Hugo de São Vitor lhe concede. Resta, por fim, entender de que modo essa humildade deve ser entendida, uma vez que sua

<sup>25</sup> Conselho particularmente chamativo, por parecer contraditório com o anterior, de que “não se tenha como vil nenhuma escritura”. “Nenhum” não tem o sentido totalizante que alguns gostariam de emprestar-lhe: sua generalidade é aquela típica dos resumos, e não a dos axiomas filosóficos. Talvez Hugo de fato exclua as *doutrinas perversas* (expressão que sugere particularmente a teologia herética) do que aconselhou em relação a “todos os livros”; ou talvez queira dizer que, tendo constatado que certo autor ensina perversões, não se deve estudá-lo, mas meramente lê-lo para informar-se e, quiçá, refutar suas heresias.

<sup>26</sup> “Bonus enim lector humilis debet esse et mansuetus, a curis inanibus et voluptatum illecebris prorsus alienus, diligens et sedulus, ut ob omnibus libenter discat, nunquam de scientia sua praesumat, perversi dogmatis auctores quasi venena fugiat, diu rem pertractare antequam iudicet discat, non videri doctus, sed esse discat vel quaerat, dicta sapientium intellecta diligat, et ea semper coram oculis quasi speculum vultus sui tenere studeat. Et si qua forte obscuriora intellectum ejus non admiserint, non statim in vituperium prorumpat, ut nihil bonum esse credat nisi quod ipse intelligere potuit. Haec est humilitas disciplinae legentium”.

natureza, como ficou exposta, no sobredito, tem relação – a um só tempo – com o desenvolvimento do aprendizado, tanto quanto possui relação com a vida de humildade. Como essas coisas se coadunam será descrito em seguida.

#### **1.4 A HUMILDADE COMO PRINCÍPIO DO APRENDIZADO E RAIZ DAS VIRTUDES.**

O caminho para a Sabedoria exige que o estudante reconheça que ignora muitas coisas. Quem não se crê sábio terá a abertura necessária para aprender aquilo que ignora, e para além do *Didascalicon*, no seu *Opúsculo Sobre o Modo de Aprender e Meditar*, Hugo de São Vitor complementa a discussão acerca da humildade, nos seguintes termos:

*Muitos se enganaram por quererem parecer sábios antes do tempo, pois com isto envergonharam-se de aprender dos demais o que ignoravam. Tu, porém meu filho, aprende de todos de boa vontade aquilo que desconheces. Serás mais sábio do que todos, se quiseres aprender de todos. Nenhuma ciência, portanto, tenhas como vil, porque toda ciência é boa. Nenhuma Escritura, ou pelo menos, nenhuma Lei desprezes, se estiver à disposição. Se nada lucrases, também nada terás perdido. Diz, de fato, o Apóstolo [São Paulo]: 'Omnia legentes, quae bona sunt tenentes' [examinai tudo: abraçai o que é bom] (I Tess. 5). O bom estudante deve ser humilde e manso, inteiramente alheio aos cuidados do mundo e às tentações dos prazeres, e solícito em aprender de boa vontade de todos. Nunca presuma de sua ciência; não queira parecer douto, mas sê-lo; busque os ditos dos sábios, e procure ardentemente ter sempre os seus vultos diante dos olhos da mente, como um espelho<sup>27</sup> (HUGO DE SÃO VITOR, 2019a, 71).*

---

<sup>27</sup> Sapientior omnibus eris, si ab omnibus discere volueris. Qui ab omnibus accipiunt, omnibus ditiores sunt. Nullam denique scientiam vilem teneas, quia omnis scientia bona est. Nullam, si vacat, Scripturam vel saltem legem contemnas. Si nihil lucraris, nec perdis aliquid. Apostolus enim ait: «Omnia legentes, quae bona sunt tenentes (I Thess. V. XXI).» Bonus lector humilis debet esse et mansuetus, a curis saecularibus et voluptatum illecebris prorsus alienus, et sedulus ut ab omnibus libenter discat. Nunquam de scientia sua praesumat, non videri doctus, sed esse quaerat, dicta sapientium quaerat, et semper coram oculis mentis quasi speculum vultus sui tenere ardentem studeat.

Hugo de São Vitor ainda afirma algo muito profundo. Há um ponto crucial que relaciona a humildade com o aprendizado, e a humildade com a vida de virtudes:

*Da mesma maneira, ela [a ciência] também te é vantajosa para, quando começares a saber alguma coisa, não desprezares as outras pessoas. Porém, ocorre a alguns este vício de vaidade, porque ficam a contemplar com demasiado zelo sua própria ciência, e, quando lhes parece que se tornaram alguém, sem sequer conhecerem os outros julgam que estes não são e nem podem vir a ser como ele. (HUGO DE SÃO VITOR, 2018, p. 147).*

Já que o princípio de todo o aprendizado é a *humildade*, temos que voltar o nosso olhar para a perspectiva adotada em um outro opúsculo intitulado como: *Os Frutos da Carne e do Espírito*. Nesta obra, encontramos duas árvores desenhadas: a primeira é descrita como a árvore dos vícios em cuja raiz encontra-se a seguinte inscrição: “Orgulho (soberba), raiz dos vícios [*Superbia, Radix Vitiorum*]” (HUGO DE SÃO VITOR, 1880 p.1007). Subindo pelo tronco, encontram-se diversos ramos, alguns maiores e outros menores, designando os diversos frutos que surgem todos da raiz que é o orgulho e, encontramos, na copa dessa árvore, o fruto final: a luxúria.

No que diz respeito à segunda árvore – das virtudes – encontra-se uma raiz na qual vemos escrito: “Humildade, raiz das virtudes [*Humilitas, Radix Virtutum*]” (HUGO DE SÃO VITOR, 1880, p.1009). Ao observarmos o tronco, também encontramos ramos maiores e menores, com os respectivos frutos que surgem da sua raiz – a humildade; por fim, na copa, temos o fruto final da caridade [*charitas*]. Logo, somos obrigados a concluir que Hugo de São Vitor institui a humildade como a raiz de todas as virtudes.

Tamanha é a sua preocupação com esta virtude que chega a afirmar que toda a Escritura Sagrada está preocupada primordialmente em esclarecer ao homem como vivê-la:

*Todos os discursos da Divina Página [a Bíblia] pretendem persuadir o homem do bem da humildade e afastá-lo o mais atentamente possível do mal do orgulho. O principal motivo para isto é que a humildade é o princípio da salvação e da vida, e o orgulho é o princípio da ruína. Queremos, pois, mostrar ao homem que se dedica ao cultivo das virtudes o fruto e a eficácia (não só) da humildade (como também) do orgulho, para que ele possa tê-los diante dos olhos sob uma forma visível. O imitador de ambas estas coisas poderá assim conhecer, pela qualidade dos seus frutos, que recompensa alcançará pela prática delas. Consideradas as raízes, os ramos e os frutos, caberá a ti escolher aquilo que quiseres (HUGO DE SÃO VITOR, 1880a, p. 268).*

Note-se, entretanto, que no *Opúsculo sobre o Modo de Aprender*, Hugo não afirma que a humildade é o princípio de todas as virtudes, mas o princípio de todo o aprendizado. Podemos concluir que existe uma estreita relação entre a vida de virtudes e o aprendizado, ou seja, o surgimento e o desenvolvimento de ambos – a virtude e o aprendizado – se dá na mesma raiz: “A humildade é claramente apontada por Hugo de São Vitor, como sendo simultaneamente o princípio tanto do aprendizado como de todas as virtudes, as duas vertentes da vida espiritual pela qual o homem, pela verdade e pela bondade, pelo conhecimento e pelo amor, se dirige para o seu fim último que é a contemplação” (ROSA, 1994, p. 33). Essa díade que é anunciada por Rosa (verdade-bondade, conhecimento-amor) são os frutos diretos do aprendizado e da virtude, pois conhecimento somente o será se for algo verdadeiro, enquanto o último fruto da árvore das virtudes é a caridade que, na tradição cristã, é compreendida como o amor divino (Sumo Bem). Essas duas qualidades demonstram, segundo Hugo de São Vitor, a natureza humana, primeiramente [...], “por ter sido criado à imagem de Deus, na medida em que pode conhecer a verdade; depois, por ter sido criada à sua semelhança, na medida em que pode amar o bem. [...] pelo

conhecimento, [o homem] contempla a Sua sabedoria [Deus], e pelo amor, frui de Sua felicidade” (HUGO DE SÃO VITOR, p. 2017, p. 17).

Talvez seja este o motivo pelo qual Santo Tomás afirma que a verdade e o bem se encontram incluídos mutuamente. Isso por que a verdade é certo bem, sem o qual ela não seria apetecível e o bem é certa verdade sem a qual ela não seria inteligível (Cf. AQUINO, 2016).

Atente-se para o fato de que a humildade é apenas um aspecto que nos predispõe a receber a educação. Todavia não quer essa proposição assegurar que todo aquele que for humilde conseguirá, conseqüentemente, adquirir a ciência.

Apesar da importância da virtude da humildade em Hugo de São Vítor, esta ideia certamente desperta um desconforto aos nossos ouvidos contemporâneos.

*É difícil para as pessoas hoje conceberem uma escola organizada de tal maneira que tivesse que depender, pela própria essência do modo como tivesse sido organizada, da virtude da humildade como o primeiro e o mais fundamental de seus requisitos. A humildade não é o exame mais importante em nenhum concurso vestibular; nem é um exame importante; nem sequer é algo a ser examinado, nem haveria motivos para ser examinada, nem se concebe a própria possibilidade de um tal pensamento. Não se fala disto nas escolas, e, se se falasse, não poderia passar de retórica destituída de importância prática mais significativa (ROSA, 1994, 36).*

No entanto, para seriamente se iniciar a busca pelo conhecimento – e, portanto, pela sabedoria –, será preciso entender o significado desta virtude em toda a sua altura e complexidade. Para o aprendizado – a partir do que viemos expondo – é necessário não apenas entender, mas, também, verificar seriamente se o aluno a possui e fazer o que for necessário para alcançá-lo.

## CONCLUSÃO

No fim deste artigo, esperamos ter esclarecido a importância que a humildade desempenha na formação educacional do estudante, certamente causa certo estranhamento quando evidenciamos a humildade como o princípio do aprendizado, e, contudo, ao acompanharmos de modo mais detido a proposta do mestre Vitorino, notamos que se trata de uma verdadeira predisposição para aqueles que desejam a verdade e o amor.

Considerada em si mesma, portanto, a humildade não é algo que se pratique mediante a obediência a determinadas regras de conduta. Ela não consiste em algum determinado modo de agir, mas é, em sua essência, apenas a posse habitual da clara consciência de sermos uma criatura e das consequências que isto implica. A humildade não é, em sua essência, uma regra de conduta ou um hábito de conduta, mas a consciência permanente de uma verdade.

A consciência dessa verdade, porém, irá se manifestar dos modos mais diversos possíveis conforme os meios ou as circunstâncias pedirem ao indivíduo que a possui. Seja qual for a realidade específica a que o homem pode vir a se defrontar, ele não poderá, todavia, esquivar-se de ter que responder com uma posição pessoal sobre como irá se colocar diante de Deus, ou pelo menos diante do cosmos que lhe revela a existência de um ente superior a si próprio dentro do qual está ele inserido.

No livro da Sabedoria (6, 18) encontramos uma sentença que resume bem toda a compreensão da humildade tal como Hugo de São Vitor a entende: "O princípio da sabedoria é um desejo sincero da instrução". Se concordamos que a humildade é o princípio tanto do aprendizado, quanto raiz de todas as virtudes, é forçoso concluir que o estudo é um verdadeiro empenho ascético para progredir à contemplação da Sabedoria. Quem aprende a ajustar o foco interior pela humildade, aprende, conseqüentemente, a verdadeira via do amor contemplativo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, T. *Por que não somos felizes?* Santos, SP: Editora Simonsen, 2016.
- AQUINO, S.T. *Suma teológica (Summa Theologiae)*. Tradução de Alexandre Correia. Campinas, SP: Ecclessiae, 2016.
- ATANÁSIO. *Vida e conversão de Santo Antão*. São Paulo: [s.n], 1990. Disponível em: <<http://cristianismo.org.br/vida-antao-1.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2020.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Ave-Maria, 2009.
- BOÉCIO. *A consolação da filosofia*. Tradução de William Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CUSA, N. de. *A douta ignorância*. Tradução de José Maria André. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- FALCÓN, R. *On classical education*. An introduction and personal view by someone who committed his lifework to it. [S.L.:s.n.], 2020. Disponível em: <<https://medium.com/@rssfalcon/on-classical-education-d8959f56d8d5>>. Acesso em: 07 jul. 2020.
- \_\_\_\_\_. *Educação e humildade*. Do Didascalicon de Hugo de São Vitor. [S.L.: s.n.], [201-] Disponível em: <<http://www.rafaelfalcon.com.br/wp-content/uploads/2016/04/Humildade-Didascalicon.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2020.
- FERNANDES, M. A. Skholé: o Sentido Fundante da Escola. In: COELHO, I. (Org.). *Escritos Sobre o Sentido da Escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 33-57.
- HUGO DE SÃO VITOR. Opúsculo sobre o modo de aprender e meditar. In: ROSA, A. (Org.). *Princípios Fundamentais de Pedagogia*. Tradução de Antônio Donato Rosa. Foz do Iguaçu: Associação Centro Hugo de São Vitor, 2019a.
- \_\_\_\_\_. Tratado dos três dias. In: ROSA, A. (Org.). *Princípios Fundamentais de Pedagogia*. Tradução de Antônio Donato Rosa. Foz do Iguaçu: Associação Centro Hugo de São Vitor, 2019c.
- \_\_\_\_\_. *Didascalicon – Sobre a arte de ler*. Tradução de Roger Campanhari. São Paulo: Kírión, 2018.

\_\_\_\_\_. De sacramentis christianae fidei. In: MIGNE, J. (Org.). *Patrologiae cursus completus*. Series latina. Paris: Bibliothecae Cleri Universae, 1880a. Tomo CLXXVI (176). p. 173 – 618.

\_\_\_\_\_. (De Tribus Diebus) Eruditionis Didascalicae – Libri VII<sup>28</sup>. MIGNE, J. (Org.). In: MIGNE, J. (Org.). *Patrologiae cursus completus*. Series latina. Paris: Bibliothecae Cleri Universae, 1880. Tomo CLXXVI (176). p. 741-839.

\_\_\_\_\_. De Modo Dicendi et Meditandi. In: MIGNE, J. (Org.). *Patrologiae cursus completus*. Series latina. Paris: Bibliothecae Cleri Universae, 1880. Tomo CLXXVI (176). 875 – 881.

\_\_\_\_\_. De Fructibus Carnis et Spiritus. In: MIGNE, J. (Org.). *Patrologiae cursus completus*. Series latina. Paris: Bibliothecae Cleri Universae, 1880. Tomo CLXXVI (176). p. 997 – 1010.

\_\_\_\_\_. (*Sermones Centum*) *Os mais Belos Sermões de Hugo de São Vitor*. Tradução de Antônio Donato Rosa. São Paulo: Edições Livre, 2017.

HUGONIN, M. Ensaio sobre a fundação da escola de São Vitor de Paris. In: ROSA, A. (Org.). *Princípios Fundamentais de Pedagogia*. Foz do Iguaçu: Associação Centro Hugo de São Vitor, 2019.

ILLICH, I. *In the Vineyard of the Text. A commentary to Hugh's Didascalicon*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

NOGUEIRA, M. O Didascálicon de Hugo de São Vitor – Regras de leitura enquanto normas de vida. In: *Mirabilia – A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média*. n.16, Barcelona: UAB, p. 52-64, 2013.

PIEPER, J. *Luz Inabarcável – O Elemento Negativo na Filosofia de Tomás de Aquino*. Tradução de Gabriele Greggersen. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/convenit/jp1.htm>>. São Paulo, [s.n.], 1973. Acesso em: 27 dez. 2019.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

\_\_\_\_\_. *Carta VII*. Tradução de Conceição Gomes da Silva e Maria Adozinha Melo. São Paulo: Editorial Estampa. 1989.

<sup>28</sup> O texto do Tratado dos Três Dias, na edição de Migne, está contida no livro Didascalicon.

ROSA, A. D. *Os pressupostos do aprendizado: comentário ao opúsculo de Hugo de São Vitor – sobre o modo de aprender*. São Paulo, [s.n], 1994. Disponível em: <<http://www.cristianismo.org.br/hmldd-00.htm#7P>>. Acesso em: 15 set. 2019.

\_\_\_\_\_. *Notas de filosofia e história da educação*. São Paulo, [s.n], 1989. Disponível em: <<http://www.cristianismo.org.br/down-ar.htm>>. Acesso em: 11 dez. 2019

SCHELER, M. *Da reviravolta dos valores*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

TAYLOR, J. *The Didascalicon of Hugh of Saint Victor. A Medieval Guide to the Arts*. New York y Londres: Columbia University Press, 1961.